

EXPLORAÇÃO SEXUAL NA FRONTEIRA

No horizonte do descaso, meninos e meninas paraguaios, bolivianos e brasileiros são explorados sexualmente por redes que agem nos três países

Explorados sob o silêncio da fronteira

GERSON OLIVEIRA

GERSON OLIVEIRA



A linha internacional que separa Ponta Porã de Pedro Juan se transforma durante as noites em local de prostituição com a presença de adolescentes dos dois países

Movimentação do mercado sexual em rua de Maracaju, uma das cidades sul-mato-grossenses com grande presença de meninas paraguaias na exploração sexual

OSVALDO JÚNIOR, IVANISE ANDRADE E GABRIEL AGARIE, ESPECIAL PARA O CORREIO DO ESTADO



Uma “mercadoria” silenciosa atravessa diuturnamente a linha fronteira, que se estende por Mato Grosso do Sul e separa o Brasil do Paraguai e da Bolívia. Menos notada que as drogas, as armas, os contrabandos e os carros roubados, essa “mercadoria” tem nome, rosto, história e muitos direitos desrespeitados. Trata-se de crianças e adolescentes usados por redes criminosas para fins de exploração sexual.

As características das fronteiras do Brasil com o Paraguai e a Bolívia, o descaso de autoridades, a ausência de ação conjunta efetiva entre os países, os impasses diplomáticos e a naturalização da presença de crianças e adolescentes no mercado do sexo facilitam e permitem a ocorrência desse crime.

As divisas dos municípios brasileiros das cidades paraguaias e bolivianas separam realidades muito próximas e muito distantes: a proximidade territorial e de costumes se contrapõem às distâncias das políticas públicas. É comum bolivianos e paraguaios atra-

vessarem a fronteira em busca de assistência no Brasil.

O problema das políticas públicas também acomete crianças e adolescentes. Essa situação causa impasse diplomático entre profissionais dos três países. Meninos e meninas brasileiros, paraguaios ou bolivianos com os direitos violados terminam, assim, sendo empurrados para seus países de origem.

Sem a segurança de direitos em territórios próximos, mas estrangeiros, crianças e adolescentes são facilmente usados pelas redes de tráfico de drogas e de exploração sexual.

Sonhos e vícios

A rede de exploração sexual com ações na fronteira alicia adolescentes pelos sonhos e/ou pela introdução na dependência de drogas, sobretudo o crack.

O caminho, por onde trafega a estratégia dos sonhos, é feito das seguintes ações: uso da “isca” do falso emprego por pessoa que ganha a confiança do adolescente, tráfico para outra cidade (por vezes, atravessando a fronteira), exploração sexual e proibição da saída da menina ou menino sob a justificativa de uma situação de endividamento criada pelo aliciador.

A via das drogas também

é muito comum na fronteira. Conforme pessoas da rede de atenção à criança e ao adolescente de cidades da fronteira, os adolescentes começam a fazer programas sexuais para conseguir drogas. Muitas vezes, os exploradores são os próprios traficantes. Em algumas situações, o processo é inverso: a droga é usada para os adolescentes realizarem os programas sexuais.

“Adoção” e abrigo

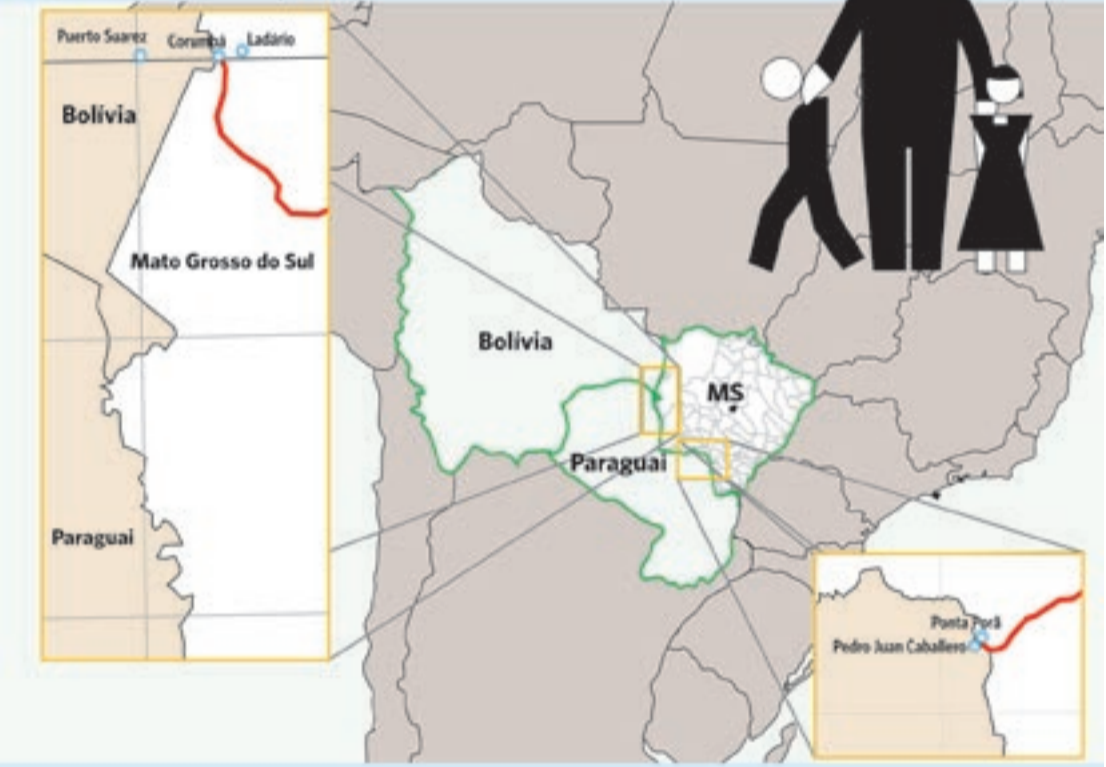
Além de entrarem no mercado do sexo pelas portas do sonho e das drogas, os meninos e meninas da fronteira chegam à exploração sexual por outro caminho, o da adoção ilegal.

Conforme pessoas da rede de garantia de direitos, há casos de mulheres brasileiras, paraguaias e/ou bolivianas, abandonadas pelos parceiros, que entregam seus filhos para famílias estrangeiras. Muitas vezes, quem “adota” essas crianças são casais de cafetões. Quando pequenas, são usadas no trabalho domésticos; na adolescência, introduzidas na prostituição.

O abrigo é o refúgio da violência das ruas. Pelos abrigos fronteiriços, é comum a passagem de adolescentes paraguaios e bolivianos encontrados por profissionais da rede

Fronteira e prostituição

Caminhos da exploração sexual



de garantia de direitos nas ruas, praças e boates. Eles ficam alguns dias ou semanas nos abrigos até serem entregues para os consulados ou para seus familiares.

Também nos abrigos estão crianças e adolescentes brasileiros explorados sexualmente e os filhos de meni-

nas imersas na prostituição.

Medo e impunidade

No reverso desse quadro, está o descaso de autoridades e o medo de “abrir a boca”. A minoria, que não aceita essa situação, recebe ameaças ou sofre atentados.

A equipe de reportagem

encontrou situações flagrantes de impunidade. Em algumas cidades, as autoridades policiais sequer percebem a existência da situação de exploração sexual.

Além de resultar do medo, a impunidade se relaciona também com a naturalização da exploração sexual.

Faixa de fronteira se estende por 42% do território de MS

IVANISE ANDRADE, ESPECIAL PARA O CORREIO DO ESTADO

Quase metade do território sul-mato-grossense, 42%, é considerado faixa de fronteira, um espaço de 150 quilômetros, contados a partir do limite com o país vizinho. Para além de uma definição estanque de fronteira, que a considera uma zona que delimita o espaço entre dois países, é preciso levar em conta suas especificidades culturais, sociais, históricas, econômicas e políticas.

“A palavra-chave que define fronteira é complementariedade”, afirma o geógrafo Tito Carlos Machado de Oliveira, professor da UFMS. Segundo ele, existe uma relação conflituosa nas fronteiras, em que um país tenta impor suas leis e sua cultura ao país vizinho. “Esse conflito, porém, é muito rico. As pessoas que vivem nos municípios que fazem frontei-

ra com o Paraguai, por exemplo, falam três línguas”.

A fronteira é constantemente reconstruída. Além dos dois lados que dividem as pessoas, surge um terceiro espaço, de convivência e relacionamento entre os que estão nessas duas partes da fronteira. Configura-se, assim, um novo território, que determina a necessidade de aproximação entre as comunidades fronteiriças, forçando uma situação de convívio, de solidariedade, de troca.

Essa nova região, apesar de estar sob a ordem do poder central e soberania de seus territórios específicos, também sofre influência mútua dos territórios que a compõem. Apesar de separados pela língua, costumes, etnia entre outros aspectos, compartilham dos mesmos problemas, comunicam de necessidades similares, almejam o desenvolvimento de

seus territórios e necessitam de cooperação mútua.

Imaginário

O professor Tito Oliveira lembra que historicamente as áreas fronteiriças são vistas pela população como um lugar de ninguém e de todo mundo. Na realidade, segundo ele, fronteira é o fim e o início de um Estado Nação. “A fronteira não é nem mais nem menos violenta que outras regiões, mas existe um imaginário social que a coloca assim”.

Nesse contexto de conflito e complementariedade, as redes de exploração sexual de crianças e adolescentes encontram terreno fértil para atuar. Com legislações diferentes, explica o professor, a tendência é que as redes criminosas se sintam impunes para explorar os serviços sexuais de adoles-

PAULO RIBAS



Fluxo tranquilo das cidades fronteiriças esconde a exploração sexual

Prêmio Tim Lopes

A série de reportagens sobre exploração sexual de crianças e adolescentes, veiculadas a partir de hoje, resulta de premiação do 5º Concurso Tim Lopes de Investigação Jornalística, uma realização da Andi (Agência de Notícias dos Direitos da Infância), da Childhood Brasil (Instituto WCF) e da Save The Children Suécia. É a primeira vez que um veículo de Mato Grosso do Sul ganha o prêmio.

Durante 16 dias, em julho e agosto, a equipe percorreu mais de 3 mil quilômetros em municípios fronteiriços do Estado, e visitou as cidades bolivianas de Puerto Soares e Puerto Quijarro e as paraguaias de Pedro Juan Caballero e Salto del Guairá.